

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0487-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.873221609>

1. Teologia. 2. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.

Apresentamos a obra “Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo”, que adota uma abordagem dialética da teologia e sua articulação com a experiência religiosa, vista e discutida sob o ponto de vista de teóricos de diferentes contextos. Atualmente, a relação entre fé cristã e ciência tem sido moldada em termos de conteúdo e, sobretudo, de atitude. Esta obra encontra-se organizada em 6 capítulos teóricos, cujos objetivos direcionam para profundas reflexões no campo das Ciências Humanas, de forma específica para Teologia e Ciências da Religião. O primeiro texto objetiva, apresentar a convergência entre a perspectiva prático e simbólica das orações-jaculatórias e a realização prática e sugestiva dos automotivadores e, por outro lado, demonstrar o nascimento, o crescimento e a disseminação de um movimento interior e espiritual que atento às demandas da geração digital transpõe os limites da religião e das espiritualidades convencionais. O segundo texto, apresentar reflexões sobre esse cenário em tempos de pandemia e de Papa Francisco. O terceiro texto, busca desabrochar e fomentar reflexões críticas a partir de contrapontos autorais com ênfase nas narrativas, na linguagem, no diálogo e na verdade. O quarto texto, elaborado em metodologia de pesquisa bibliográfica está nos liames da Cristologia e procura estabelecer elementos escriturísticos que atestem e confirmem a preexistência de Cristo. O quinto texto, levantar o debate e estender os estudos carnavalescos abordando a forma como os desfiles das escolas de samba são entendidos pela atual sociedade brasileira. O sexto texto aborda as diversas dimensões do deserto nas Sagradas Escrituras. A discussão aqui apresentada introduz a fenomenologia no âmbito do pensamento contemporâneo e suas conexões com a experiência religiosa numa perspectiva interdisciplinar.

Desejamos a todos boa sorte na leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Elisângela Maura Catarino

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A MÍSTICA DA AUTOSSUGESTÃO: UMA NOVA VERSÃO DA ORAÇÃO JACULATÓRIA José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216091	
CAPÍTULO 2	9
AS MULHERES E A CIBERTEOLOGIA NA PASTORAL EM TEMPOS DE PAPA FRANCISCO Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216092	
CAPÍTULO 3	20
O PARADOXO JESUS NA COMUNICAÇÃO E NA LITERATURA Boanerges Balbino Lopes Filho  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216093	
CAPÍTULO 4	33
ELEMENTOS ESCRITURÍSTICOS E ARTICULAÇÕES TEOLÓGICAS ACERCA DA PREEXISTÊNCIA DE CRISTO Francisco Regimarcio Cardoso de Lima  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216094	
CAPÍTULO 5	46
CONSIDERAÇÕES PERANTE A ASSOCIAÇÃO DO CARNAVAL COMO FESTA DO PECADO Tiago Herculano da Silva  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216095	
CAPÍTULO 6	66
O DESERTO NAS SAGRADAS ESCRITURAS: UMA ABORDAGEM LITERAL-TEOLÓGICA Diego J.L. Carleti  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216096	
SOBRE OS ORGANIZADORES	75
ÍNDICE REMISSIVO	77

CONSIDERAÇÕES PERANTE A ASSOCIAÇÃO DO CARNAVAL COMO FESTA DO PECADO

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 08/07/2022

Tiago Herculano da Silva

Doutorando do curso de Teatro
Universidade do Estado de Santa Catarina,
campus I
Florianópolis – Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/3688535576275314>

RESUMO: Ao longo do tempo várias associações foram feitas as festividades do período carnavalesco, uma delas foi o entendimento do carnaval enquanto Festa da Carne com conotação sexual e pecaminosa, porém questionamos neste artigo estas associações. Como elas possivelmente tenham surgido e como as agremiações carnavalescas lidaram com elas? Quais repercussões provem do entendimento do carnaval das escolas de samba como festa libidinosa e como a mídia e os corpos atravessam estas relações? O objetivo é levantar o debate e estender os estudos carnavalescos abordando a forma como os desfiles das escolas de samba são entendidos pela atual sociedade brasileira. Para isto, faremos um levantamento histórico da origem do carnaval e uma análise perante a forma como a mídia explorou os corpos dos foliões nos desfiles a fim de compreender o jogo de interesse da elite e os discursos midiáticos proferidos por gestores públicos e líderes religiosos ao afirmarem o carnaval como festa do pecado.

PALAVRAS-CHAVE: Escola de samba; Carnaval; Pecado; Festa da carne.

CONSIDERATIONS REGARDING THE ASSOCIATION OF CARNAVAL AS A FEAST OF SIN

ABSTRACT: Over time, several associations were made to the festivities of the carnival period, one of them was the understanding of carnival as a Meat Festival with sexual and sinful connotations, but in this article we question these associations. How did they possibly arise and how did the carnival associations deal with them? What repercussions come from the understanding of the carnival of the samba schools as a libidinous party and how the media and bodies cross these relationships? The objective is to raise the debate and extend the carnival studies approaching the way in which the samba school parades are understood by the current Brazilian society. For this, we will carry out a historical survey of the origin of carnival and an analysis of the way in which the media explored the bodies of the revelers in the parades in order to understand the game of interest of the elite and the media speeches given by public managers and religious leaders when they affirmed the carnival as a feast of sin.

KEYWORDS: Samba school; Carnival; Sin; Meat Feast.

Eu sou Mangueira, meu senhor
Não me leve a mal
Pecado é não brincar o carnaval!¹

Durante minha pesquisa de doutorado em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), cujo objetivo do estudo é refletir perante o uso da imagem de Jesus nos desfiles das escolas de samba, me deparei com falas como “o carnaval é a festa do pecado”. Afirmações que me estimularam a refletir perante a formação do carnaval no Brasil como local do pecado, do exagero e, como alguns falam, a “festa da carne” com sentido libidinoso. O intuito é questionar este local e quais suas consequências para a arte carnavalesca buscando compreender como o carnaval dialoga com as tensões entre instituições religiosas e sociedade. Este artigo é um recorte de minha pesquisa acadêmica que se encontra em andamento, portanto, não objetivo por respostas e sim pela possibilidade de diálogo e reflexões sobre o tema.

1 | O JESUS DA MANGUEIRA

No ano de 2020 a escola de samba Estação Primeira de Mangueira apresentou o enredo intitulado “A verdade vós fará livre” do carnavalesco Leandro Viera. O enredo aborda a possibilidade do retorno de Jesus Cristo no Brasil atual. Este Jesus nasce pobre, negro e favelado no Morro da agremiação e enfrenta o atual sistema sociopolítico brasileiro. Um Jesus plural cujo sua *imagem e semelhança* pode ser a indígena, a mulher, entre outras faces abordadas pela escola.

Em entrevista para o canal do *youtube* da Rádio Arquibancada, Leandro falou sobre a proposta do enredo para 2020, que tem como origem nos anseios e inquietações da comunidade do Morro da Mangueira:

[...] o que me cerca, o que me serve de contorno, influencia diretamente aquilo que eu proponho para o carnaval que eu quero apresentar. Por exemplo: essa ideia de levar o Cristo para o carnaval de 2020 ela tem intimidade profunda com o morro da Mangueira pentecostal. O morro da Mangueira evangélico. O crescimento dessa mentalidade evangélica. De pessoas que, eu acho que de alguma forma na minha cabeça, é preciso dialogar porque eu convivo no morro da Mangueira; eu convivo com pessoas de lá. E bem próximo a quadra da Mangueira, bem próximo a entrada da Mangueira, têm igrejas evangélicas que dialogam naquele universo. [...] disputa espaço, disputa narrativa [...] A informação, por exemplo, de que escolas de samba estão perdendo baianas porquê baianas estão virando evangélicas, pra mim, é uma informação importante que desperta uma centelha e essa centelha quer levar ao debate e esse debate, na minha cabeça, pode virar carnaval. [...] Isso gera na minha produção artística uma inquietação [...] a inquietação tem sido uma espécie de norte para o meu trabalho plástico e de discurso de mensagem artística (VIEIRA, 2020, 00:41:46).

¹ Trecho do samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira no carnaval de 2018. Composição: Lequinho, Junior Flonda, Igor Leal, Gabriel Martins, Gabriel Machado, Alemão do Cavaco e Wagner Santos.

Possivelmente o fato de as baianas deixarem a escola e migrarem para igrejas evangélicas tem como justificativa o entendimento de que o carnaval é pecado, de que no samba e na escola de samba não existe a presença de Deus. Pensando o projeto do desfile carnavalesco como uma resposta e buscando dialogar com o pensamento neopentecostal de que Deus não habita nos locais que não sejam locais de fé como templos e igrejas, Leandro desenvolve o enredo da Mangueira de 2020 carnavalizando a imagem do retorno de Cristo nos dias de hoje, um Cristo que nasce no morro da Mangueira e que estar presente no samba. Pegando este fato como ponto de partida para esta reflexão, começo a traçar uma possibilidade de diálogo com o pensamento religioso que afirma a perspectiva do carnaval como local do pecado.

2 | ORIGEM DAS FESTAS

Para refletir sobre o local do carnaval desde sua origem e onde o pecado possivelmente acabou sendo inserido em sua história, faz-se relevante falarmos sobre o surgimento das festividades e sua relação com a quaresma cristã. Vejamos:

A história começou no ano de 604 quando o papa Gregório I deliberou que, num determinado período do ano, os fiéis deveriam deixar de lado a vida cotidiana para, durante um certo número de dias, dedicarem-se exclusivamente às questões espirituais. Todo esse evento durava em torno de quarenta dias, lembrando os quarenta dias de jejum e provações passadas por Jesus no deserto antes de iniciar o seu ministério apostólico. Por causa disso o período ficou com o nome de 'quadragésima' ou 'quaresma' (FERREIRA, 2004, p. 25).

Na quarta-feira de Cinzas havia o costume de marcar a testa dos fiéis com símbolo da cruz feito de cinzas de uma fogueira, que simbolizava a penitência, este dia ficou marcado como início desse período da quaresma. Era permitido fazer, nos dias que antecediam a quaresma, tudo aquilo que as pessoas teriam como privação social durante a mesma, isto é, comer carne, beber, dançar, cantar, festejar e ter relações sexuais. As confraternizações nesses dias antes da quaresma visavam aproveitar ao máximo possível estes desejos antes das restrições religiosas. Este período de festividades tinha o nome de "*Carne Vale*", que significa "adeus à carne" (FERREIRA, 2004). Com o passar dos anos, as festas foram ganhando formas diversas e se tornando um acontecimento mundial.

Esses dias de festa eram interpretados de diversas formas distintas de acordo com as localidades em que ocorriam. A vida difícil na Europa com poucos recursos, muito trabalho e sofrimento fez o homem imaginar um lugar onde não existiam estas dificuldades. Um local que existia muita comida e não precisavam trabalhar. Surge a interpretação de o *País da Cocanha* ou Mundo da Abundância.



Imagem 01: Obra “The Land of Cockaigne” de Pieter Bruegel (ano 1567 - Altura: 52 cm; Largura: 78cm).

Fonte: <https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Schlaraffenland.jpg>.

Analisando a pintura de Pieter Bruegel (imagem 01) vemos as pessoas deitadas no chão sem fazer nada; este era a imaginação do ideal de uma vida fácil e sem sacrifício. Também percebemos que a comida brotava em árvores e já vinha pronta, sem precisar cozinhar ou prepará-las; além da comida brotar das telhas das casas e etc.. São muitas as análises que podemos tirar da obra, em todo caso, o que é relevante é o ideal de vida fácil que se tinha como algo oposto a vida cotidiana europeia. “Essa ideia de abundância e de barriga cheia estava diretamente associada ao que as pessoas pensavam do tempo carnavalesco medieval. Os dias festivos anteriores à Quaresma eram como se, por algum tempo, o Reino da Cocanha existisse de verdade” (FERREIRA, 2004, p. 35). Assim, as festividades carnavalescas começam a ser vistas como um momento oposto ao cotidiano, isto é, um momento da vida em que as pessoas tentassem concretizar um ideal de fartura com muita comida e lazer.

Comer e beber de maneira farta passou a ser um hábito neste período que antecedia a quaresma, portanto, comer carne se tornou um “evento”. Em uma região fria como a Europa, de vida árdua, se privar de comer carne era um “jejum” difícil de ser feito por quarenta dias, desta forma, era compreendido como necessário comer bastante carne para se despedir bem desta alimentação. O “adeus à carne” – *Carne Vale* – deu origem a palavra “carnaval”, assim, a primeira relação do carnaval como “festa da carne”, aqui associado a alimentação, tem esta origem epistemológica.

Esta ideia do carnaval como momento oposto a vida diária, vai dar origem a ideia de um mundo ao avesso, isto é, durante das festividades de momo as pessoas poderiam

sair da rotina diária. Sair da “norma social” fazendo coisas que não fariam no cotidiano ou em público e/ou fingir ser quem não são durante as brincadeiras carnavalescas. Segundo Damatta (1997, p. 52, grifos do autor):

As festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o cotidiano ser designado pela expressão *dia a dia* ou, [...] *dura realidade da vida*. Em outras palavras, sofre-se na vida, na rotina impiedosa e automática do cotidiano, em que o mundo é reprimido pelas hierarquias do poder e, [...] obviamente, do “cada coisa em seu lugar”.

Assim, o carnaval se torna o lugar onde este sofrimento cotidiano poderia ser pausado e o folião viveria uma possível “suspensão” das regras sociais. Esta suspensão no carnaval não é completa, pois um folião pode se vestir de policial e brincar as festas fingindo ser o mesmo, atuando como tal, mas o policiamento nas ruas ainda exerce uma hierarquia perante ele. Para o pesquisador

Novamente estamos diante da inversão que pode permitir a subversão temporária, mas básica, da hierarquia secular da sociedade, criando outras áreas e linhas de poder. E, note bem o leitor, inverter não é liquidar a hierarquia ou a desigualdade, mas apenas submetê-las, como numa experiência controlada – caso das festividades – a uma recombinação passageira (DAMATTA, 1997, p. 177).

Popularmente se fala que “no carnaval pode-se tudo”, mas não é bem assim, as hierarquias ainda existem dentro da festividade. O policiamento nas ruas, por exemplo, ainda vai exercer força, ordem e poder perante o brincante. Contudo, entendemos que existem hábitos que podem ser feitos nestes dias cujo o cotidiano social “não permitiria”. Possivelmente, com esta recombinação das hierarquias e a liberdade de fazer coisas que a rotina da vida diária não permitiria, o carnaval ganha contorno de um entendimento que seus eventos são percebidos como algo extracotidiano, pelo qual, tudo poderia ser permitido.

O relevante é entender que este avesso também pode acontecer quando um folião interpreta na folia personagens que não fazem parte de sua vida. Citando o samba-enredo da escola de samba Beija-flor de Nilópolis de carnaval de 1989: “Sou na vida um mendigo/ Da folia, eu sou rei”².

As escolas reúnem pobres e milionários, astros de futebol e do rádio, televisão e cinema, e a população do Rio fica segmentada e dividida segundo suas preferências por essa ou aquela escola, como acontece com o futebol. Além disso, o desfile desses grupos é revestido de extrema pompa, já que se fundamenta na teatralização que tem como tema personagens, ambientes e ações de um período aristocrático ou mítico, tal como esse período é percebido pelos membros das classes dominantes. Chama a atenção, nesses desfiles, a inversão constituída entre o desfilante (um pobre, geralmente negro ou mulato) e a figura que ele representa no desfile (um nobre, um rei, uma figura mitológica) e, ainda, a participação de toda a sociedade, seja como

2 Composição: Betinho, Glyvaldo, Osmar e Zê Maria.

juiz, seja como torcedor (DAMATTA, 1997, p. 58).

Brincar o carnaval é extravasar uma alegria podendo viver um personagem durante os dias de festa realizando ações extracotidianas. É viver a possibilidade de uma outra vida por meio da teatralização; ser um mendigo na vida e na folia poder ser um rei. “Essa teatralização salienta o caráter domesticado da transmutação de pobre em nobre, quando realizada em momentos programados, como ocorre no carnaval” (DAMATTA, 1997, p. 58). A teatralização abre brecha na rotina cotidiana permitindo o folião a brincar nas ruas, nos cortejos ou nos bailes extravasando suas dores do sofrimento cotidiano ao experimentar a possibilidade de vida distinta daquela diária. Essa “mudança” ilusória de status social pode ser percebida como uma possibilidade de avesso; o carnaval como uma festa que bagunçaria a hierarquia social. Assim, vemos as colocações que proferem o discurso do carnaval como festa da bagunça.

3 | O CARNAVAL NO BRASIL

No Brasil, as festividades carnavalescas chegaram com os portugueses. Um conjunto de brincadeiras chamadas de Entrudo que consistia em jogar limões de cheiros e outras substancias nas pessoas que passavam nas ruas.

[...] a brincadeira não era tão inocente e incluía ataques perigosos feitos do alto das casas ou sacadas de prédios. Os passantes recebiam sobre suas cabeças sacos de areia, moringas e até tachos de cobre. Sem contar que os foliões besuntavam escadas para provocar tombos, lambuzavam as maçanetas para evitar que as pessoas entrassem em casa, serviam sopas apimentadas e zombavam dos habitantes do local” (MONTEIRO, 2010, p. 27).

Na imagem 02 vemos pessoas nas ruas sendo molhadas por outras que estão nas janelas das casas. O que começa a irritar a burguesia brasileira nestas festividades é o fato de a qualquer momento que eles saíssem nas ruas poderiam ser molhados e/ou sujos de algo indesejável. Era uma burguesia que queria ocupar os espaços da rua para serem vistos, para exibir o seu status, então, a rua passa a ser um território que precisava de um controle. Se andar pela rua tinha se tornado perigoso devido as brincadeiras do Entrudo, então era preciso fazer algo para que elas acabassem.



Imagem 02: O Entrudo retratado por Angelo Agostini (Carnaval de 1882).

Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/carnaval-de-debret/entrudo-retratado-por-angelo-agostini-carnaval-de-1882-cidade-do-rio-de-janeiro/>.

As brincadeiras eram vistas como algo ultrapassado e ainda ligado a uma herança lusitana. A elite começa a perceber estas festividades na rua como desordem, sujeira e algo perigoso. Assim, o carnaval no Brasil começa a ser percebido como sinônimo de desordem. Frases como “isto estar um carnaval” – como sinônimo de bagunça – começam a se popularizar. Para ocupar as ruas, a elite precisava mudar a forma como o carnaval era feito no país.

O carnaval no Brasil passa a ser inventado a partir da influência do jogo de interesse das classes sociais dominantes que objetivavam ocupar os espaços da rua (FERREIRA, 2004). A Elite começa a importar festividades da Europa para compor seu carnaval, como os bailes de máscaras. “A ideia de civilizar o Brasil através do contato com o europeu estava presente no Carnaval dos passeios, desfiles e bailes desejado por boa parte da burguesia” (FERREIRA, 2004, p. 250). Burguesia tenta proibir o povo de brincar o Entrudo nas ruas. “‘Fora o Entrudo das sociedades semi-bárbaras; viva o Carnaval das sociedades cultas!’ O texto acima, publicado no *Jornal do Commercio*, de 16 de fevereiro de 1904, representa, com muita propriedade, o que a burguesia brasileira pensava sobre a festa carnavalesca do início do século XX no país” (FERREIRA, 2004, p. 226). O objetivo de atrair o turismo para a cidade do Rio de Janeiro e da elite em frequentar as ruas, acaba por estimular a “organização” das festividades. Todo este jogo de interesses da classe dominante perante a festa vai criar diversas formas de perceber o carnaval brasileiro, pois a elite tanto vai popularizar as ideias medievais da Europa em que o carnaval do Entrudo era o local da desordem, do extravagante e do exagero como vai importar um carnaval “mais civilizado”

para representar, perante o mundo, um Brasil culto e elitizado. É desta perspectiva que a elite vai estimular a visão que o carnaval de rua, ou aquele que ela não controla e/ou não participa, é algo desordeiro que deve ser evitado.

É válido salientar que o que sobrevive do carnaval dos séculos XIX e XX no Brasil para nossa atualidade são os blocos de rua e as escolas de samba. Nenhum destes dois foram carnavais importados pela Elite brasileira para lhes representar, ou seja, o povo quem determinou os festejos carnavalescos. Isto fez com que a Elite tivesse um desgosto perante as festividades.

As escolas de samba, por exemplo, surgem do morro, das favelas, do samba que se tocava nestes locais, do negro querendo fazer parte da festa. O samba não só foi marginalizado como recebeu também o discurso de que era algo pecaminoso. Em 1916 surge o primeiro samba, Pelo Telefone³, “[...] Os compositores foram recebidos sob protestos, visto que o ritmo era reconhecido como o som que ecoava nos encontros de músicas pobres e nas festas do morro onde moravam os pobres e negros” (MONTEIRO, 2010, p. 41). Ao longo de toda a história do carnaval brasileiro a elite decorre várias tentativas de desmoralizar o desfile da escola de samba e a festividade carnavalesca. Esta rejeição vai atravessar a forma como o carnaval é visto como errado, pecado e improprio ainda hoje. O corpo do folião, que precisa ser dócil socialmente (FOUCAULT, 1987), acaba sendo o alvo de críticas por aqueles mais conservadores e aqueles que veem as festividades como desordem.

Os primeiros barracões das agremiações carnavalescas foram nos terreiros das religiões de matrizes africanas. O toque dos tambores e pandeiros tem ligação com o toque destas religiões. O corpo que atravessa essas regiões também se encontra atravessado pelas festividades carnavalescas. A alegria do povo negro das favelas e suas festas afrodescendentes são rejeitadas por uma burguesia e por conservadores religiosos que percebem estas religiões e suas manifestações como pecados e como expressões inferiores. Os religiosos mais severos enxergam no samba um local que coloca o corpo – que deve ser dócil pelos dogmas sociais e religiosos – em um pecado. Assim, pelo olhar destes religiosos, o desfile da Mangueira de 2020 ao apresentar um Jesus que nasce no morro e frequenta a escola de samba estaria colocando Jesus como pecador.

Começamos este trabalho apresentando como o carnavalesco buscou dialogar com o movimento neopentecostal do morro da Mangueira ao apresentar a possibilidade que Deus pode estar presente no samba. “Me encontro no amor que não encontra fronteira/ Procura por mim nas fileiras contra a opressão/ E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão”⁴. Se Deus existe no olhar da porta-bandeira para o pavilhão da escola então ele estar em todos os locais, inclusive no carnaval. Se ele estar no meio de nós, ele também estar no meio de um desfile carnavalesco.

3 Composição de Ernesto dos Santos, conhecido como Donga, e do jornalista Mauro de Almeida.

4 Composição de Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo.

Porém, a formação iconográfica do corpo de Jesus na cruz foi feita de forma que expressasse a vitória do espírito perante a carne, perante o pecado (TREVISAN, 2003). Colocar Jesus no carnaval seria fornecer a vitória ao pecado, já que a “festa da carne” estaria compreendida como a festa do pecado? A elite tentava impor uma forma de carnaval ideal para o povo e a religião tentava controlar os corpos dos fiéis para reafirmar seus dogmas e crenças, esta relação vai estimular a associação do carnaval como lugar do pecado. O cristão não deve se colocar neste lugar e os santos e Deus não pertenceriam as festividades.

Contudo, muitas imagens de Jesus atravessaram o sambódromo, algumas foram censuradas e outras negociadas com as instituições religiosas (SILVA, 2020). A elite brasileira e alguns representantes religiosos também proferiram críticas perante o desfile da Mangueira de 2020⁵. O diálogo se tornou necessário e aconteceu por diversos setores⁶, alguns menos amistosos. Algumas colocações fundamentadas no prisma do carnaval como a festa do pecado; outras comparando o Jesus da escola com traficantes e bandidos.



Imagem 03: Postagem do político Daniel Silveira⁷ em seu *Twitter*.

Fonte: <https://www.portaldoholanda.com.br/carnaval-do-rio/mangueira-causa-debate-na-web-apresentando-jesus-negro-mulh>.

5 Para mais informações: **Blasfêmia!** Mangueira 2020/ Jesus corpo de mulher. [S. l.: s. n.], 25 jan. 2020. 1 VÍDEO (13min 35seg), son., color. Publicado pelo canal A voz do povo notícias. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C_PTFcjavbw. Acesso em: 04 jul. 2022.

6 Para mais informações: **Como era e como seria Jesus hoje?** Setores religiosos estão ressabiados com desfile da Mangueira. [S. l.: s. n.], 20 fev. 2020. 1 VÍDEO (08min 29seg), son., color. Publicado pelo canal Morning Show. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FRSo0freOXc>. Acesso em: 04 jul. 2022.

7 Daniel Lucio da Silveira é um ex-policial militar, político, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro e deputado federal pelo Rio de Janeiro. Ele foi preso em 16 de fevereiro de 2021, após publicar um vídeo com injúrias e ameaças a ministros do Supremo Tribunal Federal.

Apontando como exemplo, o carnaval da Mangueira de 2020 teve como personagem central um Jesus negro, favelado e podre que pregado na cruz, na alegoria *O Calvário*, é um apontamento do enredo perante como a sociedade trata estes indivíduos negros na atualidade brasileira. Se Jesus voltasse hoje e fosse negro e favelado, ele seria perseguido pelo sistema social racista e, possivelmente, seria crucificado pela elite social e pelos *profetas da intolerância*⁸.

Para Roberto DaMatta (1997) a burguesia social tolera o fato do pobre no carnaval representar os burgueses, se passar por integrantes da alta sociedade, imitar o nobre e rico, mas, quando essa teatralização carnavalesca expressa uma crítica, uma denúncia ao sistema ou um discurso de luta social em que o pobre questiona aqueles que estão no poder, o que provocam em quem se identifica com esta burguesia a rejeição à festa e ao samba. A Mangueira ao apontar que a sociedade atual crucificaria um Jesus negro também denuncia e critica o quanto este sistema social é racista e preconceituoso.

Na imagem 03 temos a postagem de um político brasileiro em suas redes sociais perante o Jesus negro do desfile da Mangueira no carnaval de 2020 afirmando que o Jesus crucificado, no carro *O Calvário*, é um bandido. Se fosse a imagem de um Jesus branco de olhos claros será que o deputado iria fazer a mesma associação? Vivemos em uma sociedade racista que ainda persegue o negro, sua cultura e religiosidade “pregando-os” todos os dias em cruzes e o carnaval das escolas de samba, manifestação negra, nascido nas favelas, termina sendo associado a desordem e ao pecado. O diálogo, aqui proposto e necessário, se faz para entendermos este sistema e para nos colocarmos perante ele em prol de melhorias e respeito.

4 | AS RELAÇÕES SEXUAIS

O carnaval medieval não era apenas este período de se alimentar de forma exagerada e teatralizar personagens, mas de exacerbar outras coisas que seriam privadas na quaresma como as relações sexuais. A Igreja controlava os corpos de seus fiéis e as privações na quaresma também atravessavam as relações amorosas. Desta forma, percebemos que, assim como havia um certo exagero no consumo de bebidas e comidas, também haviam os mesmos nas relações sexuais. Mesmo se tratando de pessoas casadas. Aqui, talvez, podemos começar a refletir perante uma libidinagem no período carnavalesco.

Em uma sociedade que controla as corporeidades, a sexualidade do corpo se torna o local de maior controle. Para Foucault (1987) um corpo disciplinado pelo sistema social em que está inserido é um corpo dócil; este não só se apresenta dentro das normas e padrões sociais que vigoram na sua sociedade, mas também educa outras corporeidades

8 Termo usado pela escola para designar os religiosos facistas que crucificariam Jesus na atualidade. O trecho do samba-enedo fala: “Eu tô que tô dependurado/ Em cordéis e corcovados/ Mas será que todo povo entendeu o meu recado?/ Porque de novo cravejaram o meu corpo/ Os profetas da intolerância/ Sem saber que a esperança/ Brilha mais na escuridão”. Composição de Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo.

a obedecer uma norma social. Quanto mais disciplinado o corpo for mais obediente as normas sociais o indivíduo será e, portanto, mais dócil. Desta forma, a liberdade sempre parece desrespeitosa e o corpo, como local de prisão tanto física quanto psicológicas pelos sistemas, se torna ofensivo no momento em que se coloca enquanto libertador. Para o sistema, o corpo do folião pode brincar o carnaval, mas deve se comportar e, para a Igreja, o corpo não deve ser colocado em local de pecado. A sexualidade como ato de liberdade corporal é vista como pecaminosa pelas religiões cristãs, assim, o extravasar de seus desejos sexuais nas festividades acaba sendo visto como algo que deve ser evitado.

O fato da sexualidade ser controlada durante a quaresma fez com que nas festas que a antecediam gerassem uma possibilidade de expressá-la, isto faz com que o carnaval comece a ganhar uma conotação de lugar libidinoso. A sexualidade que se expressa é vista como um ato pecaminoso, portanto o carnaval se coloca como local que estimula o pecado. A “carne” deixa de ter conotação de “o alimento” para ser percebida como “sexualidade” e não importa aqui se estamos falando sobre heterossexualidade ou outras sexualidades. A reflexão proposta é indagar as mudanças de significado da “festa da carne” a partir do sinônimo de festa libidinoso.

5 | A EXPLORAÇÃO DA MÍDIA

A elite pode ter criado narrativas perante o carnaval que foram usadas por alguns políticos e representantes religiosos criarem seus discursos, porém a exploração dos corpos pela mídia termina sendo aquilo que mais corroborou para a associação do carnaval como festa libidinoso.

O carnaval brasileiro é um reflexo do jogo de interesses das classes sociais (FERREIRA, 2004). Por ele, o corpo passou a ser produto de consumo para conquistar a audiência televisiva. A disputa entre as transmissões dos desfiles das escolas de samba, por exemplo, entre a extinta TV Manchete e a Rede Globo de Televisão, acentuou o lugar do corpo feminino como produto para adquirir mais ibope. Isto acarreta em um ponto importante para o entendimento do carnaval como pecado: a sexualidade sendo potencializada pela exploração do corpo, principalmente o da mulher, tanto pela mídia que noticiava em revistas e jornais quanto transmitia os desfiles pela televisão.

Os estudos de Selma Felerico (2008) apontam para como os corpos femininos foram explorados por essa mídia, pelas revistas, campanhas publicitárias e como as modelos ocuparam os lugares de destaques nos desfiles das escolas de samba visando ingressarem na fama. Para a pesquisadora:

O desfile de belezas contou ainda com Juliana Paes, a rainha de bateria da Viradouro, eternizada como “Boa”, ícone da campanha publicitária da cerveja Antártica, desde os anos 2000. Vale ressaltar que modelos, atrizes e apresentadoras de televisão, desde a década de 1980, ganham cada vez mais espaço na mídia, roubando a cena dos foliões, dos sambistas e dos passistas na Avenida Marques de Sapucaí. Várias celebridades fizeram sua

fama a partir do carnaval, como Luma de Oliveira, Monique Evans, Valéria Valenssa, Viviane Araújo, Nani Venâncio, entre outras. [...] Vários artigos informam que todo o sacrifício das modelos e atrizes tem, muitas vezes, como objetivo serem reconhecidas pela mídia e assim conseguirem bons papéis na televisão, fechar contratos publicitários vantajosos ou posarem para a revista *Playboy* (FELERICO, 2008, p. 8-9).

Podemos apontar que houve interesse das modelos, atrizes e mulheres pertencentes as comunidades de cada agremiação em aparecerem com destaque nos desfiles na tentativa de terem oportunidades de trabalho ou serem famosas, nem que para isto permitissem a mídia televisiva explorar seus corpos. Esse confronto por audiência nas transmissões foi especialmente acirrado entre as redes de televisão Manchete e a Globo e, como consequência, as imagens da transmissão das décadas de 1980 e 1990 dos desfiles disputavam sobre quem mostra mais o corpo das mulheres. Deste contexto de exploração do corpo feminino, surgem as câmeras ofensivas que focam detalhes dos corpos das assistas quase como quem faz um “exame ginecológico”. Essa é a imagem que a mídia vendeu do carnaval e a cereja desse bolo foi a nudez da Mulata Globeleza⁹.

Assistindo aos desfiles postados na plataforma de vídeos como o *Youtube*, durante o processo de pesquisa da tese, terminamos encontrando, em um deles, algo na abertura das transmissões do carnaval da Rede Globo de Televisão que nos chamou a atenção. Alguma coisa acontecia no finalzinho da vinheta, quando o símbolo da emissora cobre a Globeleza Valéria Valenssa: ela aparece nua por um instante (imagem 04).

9 A Globeleza é o nome usado pela Rede Globo de Televisão para sua transmissão dos desfiles. Para as vinhetas, a Globo criou a Mulata Globeleza, cuja Valéria Valenssa ficou à frente deste cargo por 14 anos. Na disputa por audiência com a Manchete e na exploração do corpo da mulher nas transmissões, a Globeleza, como a personagem foi chamada, se tornou nacionalmente conhecida e chegava a ser disputada por algumas agremiações para que ela desfilasse na escola. Chegou a ter outras mulheres fazendo a personagem e até a ficar vestida – momento que houveram bastantes críticas por ela não estar seminua mais -, mas com o advento dos questionamentos feministas perante o corpo da mulher no carnaval e na sociedade como um todo, esta personagem deixou de compor a vinheta da emissora.



Imagem 04: Vinheta de abertura da *Globeleza* no carnaval de 1994.

Fotografia: Captura de tela da transmissão dos desfiles pela Rede Globo de Televisão aos 00:00:05.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=4PuMuhfDpAY>.

Pausando a vinheta foi possível ter acesso à imagem e perceber o quanto o corpo da mulher negra foi, e ainda é, explorado nas transmissões carnavalescas como produto dos desejos masculinos machistas e reforço da ideia de que o carnaval é o espaço-tempo por excelência da nudez, da libido e do sexo. Assim, o carnaval acaba sendo percebido como o lugar que explora os corpos e estimula suas sexualidades, o que incentivaria, segundo algumas falas, as pessoas à prática do sexo, ou seja, a culpa não é da mídia e sim do carnaval! Nesse jogo de poder a mídia é inocentada de seu ato de exploração, contudo existe interesse dela em filmar estes corpos seminus e existem interesse das modelos em exibi-los para se tornar possíveis famosas.

Em um breve levantamento histórico perante o corpo da mulher e o carnaval das escolas de samba para problematizar o espaço da sexualidade, podemos olhar para os carnavais da década de 1970 que, com o advento dos profissionais do teatro nas escolas de samba, os desfiles se modificaram em vários aspectos. Um deles foi na Comissão de Frente cujo espaço era formado pelos baluartes, poetas e fundadores da escola, em sua maioria homens, passou a ter, em algumas agremiações, mulheres vestidas de vedetes¹⁰ do Teatro de Revista.

¹⁰ O Teatro de Revista apresentou um forte apelo à sensualidade do corpo feminino. As vedetes, como eram chamadas as mulheres que usavam biquínis ou maiôs exibindo suas curvas e beleza física, faziam parte da atração desta forma de teatro. Berta Loran, Dercy Gonçalves, Elvira Pagã e Aracy Cortes são alguns nomes de atrizes que ficaram famosas por serem vedetes.



Imagem 05: Imagem do desfile da Portela em 1976. Foto de Eurico Dantas.

Fonte: <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=fotos1976>.

A imagem 05 mostra um registro da agremiação Portela que apresentou em 1976 uma Comissão de Frente formada por mulatas vestidas de vedetes. Observamos pela imagem o quanto a figura feminina começa a ocupar o espaço, que antes era pertencente ao homem nos desfiles, acarreta em reverberações.

Não demorou até os baluartes da escola criticarem estas mudanças em prol de uma tradicionalidade dos desfiles. Candeia¹¹ passou a questionar o gigantismo do carnaval e a popularidade midiática na festa na década de 1970 (CANDEIA; ISNARD, 1978). Para ele, o carnaval estava perdendo seu vínculo com a comunidade, com as raízes negras e com o popular devido esse crescimento estimulado pela exploração da mídia e do mercado: “[...] esses espetáculos carregando carros vultosos puxados por tratores ou jipes levando mulheres seminuas representam shows importados ou teatro de Revista” (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 70) e completa que

Assim como a “Comissão de Frente”, lançado inicialmente com o objetivo de dar aos mais antigos componentes sambistas da Escola, a possibilidade de desfilar andando e apresentando sua Agremiação. A infiltração de falsos evolucionistas tirou dos antigos sambistas esta alegria, colocando em seus lugares mulatas de corpo bem feito e que na sua maioria não têm nada a ver com as Escolas de Samba (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 35).

A própria escola do Candeia, a Portela, desfilou com mulatas em 1976 (imagem 05)

¹¹ Antonio Candeia Filho, conhecido apenas como Candeia, é sambista e compositor de músicas como “O mar serenou” interpretada por Clara Nunes. Aos 13 anos ele já desfilava na Portela, chegou a compor vários samba para a agremiação. Ele é um representante importante do meio carnavalesco que dialogava com a negritude.

compondo a Comissão de Frente. Para ele: “Não que tenhamos preconceito contra essas lindas criaturas, também gostamos do belo frágil, mas sim por sabermos que elas nada têm a ver com o samba e nada podem representar para a Escola, a não ser para aqueles que cultuam o sexo” (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 78). É exatamente na busca pela audiência desses que “cultuam o sexo” que a mídia vai potencializar a sensualidade dos corpos nas transmissões e nas fotografias das revistas. Se uma escola recebe mais repercussão midiática por ter mulheres com corpos *seminus* em seu cortejo, outras agremiações vão querer copiar a fórmula para tentarem obter seu espaço na mídia e vão estimular suas componentes a se exibirem.

Falando de década de 1980, de um Brasil após ditadura que desejava ser um país livre e próspero, este sentimento de liberdade atravessou os corpos nos cortejos carnavalescos. O corpo outrora estimulado pelo controle do sistema a ser dócil agora se colocava em estado de liberdade após a ditadura. Nos dias do reinado de Momo, isto é, nos dias do mundo do avesso em que “tudo era permitido”: extravasar, beber, comer, ter relações exacerbadas e ficar *seminu* nos desfiles, a liberdade dos corpos se tornou algo incentivado pela mídia e legitimado por um sentimento de liberdade pós ditadura.

O sentimento de liberdade também contribuiu para naturalizar a exploração do corpo na mídia. Se tornou não questionável ver corpos *seminus* sendo explorados pelas novelas, filmes e propagandas de televisão nas décadas de 1980 e 1990, por exemplo. A naturalização da exploração do corpo pela mídia vai reforçar o entendimento que a “carne” – antes sinônimo da festa que se despede da alimentação da carne – agora como a carne sexualizada, isto é, a festa do ato sexual. Se o espectador tem acesso aos desfiles das escolas de samba apenas por aquilo que a televisão transmite, ou seja, acesso a esta exploração do corpo de forma sexualizada e naturalizada, ele vai perceber os cortejos como locais de conotação sexual.

Todo este conjunto de fatores vão solidificando o espaço para o sentido de o carnaval ter, pelos neopentecostais e alguns outros conservadores religiosos, sinônimo sexual. É o resultado da forma como a mídia explora os corpos até hoje e a maneira como a sexualidade é tratada com tabu em nossa sociedade que vai potencializar essa conotação. Não falamos sobre sexo, não discutimos sobre a exploração dos corpos pela mídia, pelas novelas, pelas propagandas de televisão. Esta ausência cria lacunas que serão preenchidas pela desinformação e pelo preconceito. O sexo ainda é visto como tabu e o corpo como algo que não pode ser livre e prazeroso.

6 | AS IMAGENS DE SEXO NAS AGREMIÇÕES

Para problematizar esta questão do uso de imagens de sexo no carnaval, pois acreditamos que as agremiações carnavalescas tiveram interesses em explorar estas imagens – sejam em esculturas ou nos corpos dos foliões –, olhamos para o desfile da

agremiação Acadêmicos da Grande Rio no carnaval de 2004, enredo intitulado *Vamos vestir a camisinha, meu amor!*. O carnavalesco Joãozinho Trinta realizou este carnaval sobre a prevenção do vírus HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST), o enredo relacionado as campanhas do Ministério da Saúde.

A narrativa deste desfile começa abordando o Jardim do Éden e a primeira relação sexual. Depois de o ser humano usufruir dos prazeres do jardim, precisou “entendê-los”, para isso, o segundo setor do desfile apresenta os manuais de prazer do antigo Oriente, o Kama Sutra, que seriam as primeiras formas de entendimento do corpo e seus prazeres. No setor seguinte, surge o vírus e as doenças; e, para combatê-las, um setor mais na frente abordou as primeiras formas de prevenção, as primeiras camisinhas feitas de vísceras de animais, para depois, em um último setor, tratar das campanhas nacionais para tratamento e prevenção, estimuladas pelo Ministério da Saúde. Na proposta narrativa deste desfile, o sexo não é visto como a Igreja quer que seja, isto é, o sexo não é pecado e o corpo é livre para amar, na narrativa do enredo.

Em 2004, novo milênio, século XXI, o Brasil ainda não conversava suficientemente sobre sexo. Embora fosse uma questão vital o incentivo ao uso de preservativos, o diálogo parecia limitar-se a questões médicas. O carnavalesco João, ao nosso ver, desejava com seu desfile conversar sobre algo mais do que isso: que seu desfile fosse uma narrativa não violenta do ato sexual. O entendimento de liberdade do corpo que pode amar quem quiser sem pudor e medo do pecado. Mas, a Igreja entendeu como uma narrativa que estimulava a libertinagem e a promiscuidade. Durante muitos anos a Igreja não aprovava o uso de anticoncepcionais e preservativos sobre a alegação que isto estimulava a promiscuidade. Já o desfile fazia campanha para o uso, então podemos apontar um embate de narrativas entre ele e as instituições religiosas cristãs.

A pesquisadora Fátima Lima (2021, p. 180) aponta que “No âmbito da justiça, o Ministério Público emitiu uma liminar proibitiva a partir de uma representação da União dos Juristas Católicos do Rio de Janeiro que ‘argumenta que o enredo desrespeita ‘valores envolvendo a família, a dignidade da pessoa humana e o Estatuto da Criança e do Adolescente’”. Neste sentido, falar sobre prevenção parece desrespeitar a sociedade brasileira, mais ainda se levarmos em conta que esta é uma sociedade que foi ensinada a perceber o carnaval como local de libidinoso ao invés de local possível de diálogo sobre as questões sociais.

O jornal Folha de São Paulo chegou a publicar uma entrevista com o assessor de imprensa da agremiação da época. Sobre a saída do João da escola. Avelino Ribeiro afirma que “A proposta era que o desfile fosse uma extensão da campanha de prevenção à Aids, mas isso ficou em segundo plano. Primeiro ficou a liberdade sexual, nas esculturas, nas alas, isso passou a ser a principal tônica do desenvolvimento do enredo” (FOLHA, 2004).

Nesta fala, chama a atenção o uso da expressão “liberdade sexual” quase como antagonista a “campanha de prevenção”. O corpo livre não pode se prevenir? Na proposta

narrativa da Grande Rio, percebe-se a abordagem da campanha de prevenção em setores do desfile que falavam também sobre os avanços científicos e as pesquisas perante as ISTs.

Contudo, trazer imagens da primeira relação entre Adão e Eva sem a perspectiva do pecado e abordar os manuais de prazer do Kama Sutra sem o temor e a culpa cristã parecem terem reduzido a visão do desfile a apenas estes dois setores – quase como ler dois capítulos de um livro e dizer que o entendeu. Dialetizzando liberdade carnavalesca e promiscuidade sexual, Lima (2021, p. 181) defende que:

A “liberdade” do desfile de *Vamos vestir a camisinha, meu amor!* não se relaciona com a suposta promiscuidade sexual no mundo carnavalesco do avesso, mas com as verdades que o carnaval pode contar. Não se trata, porém, de estabelecer, mas de desvelar verdades conhecidas e ocultas até agora insignificantes.

A verdade dos corpos que são aprisionados por um sistema de valores da Igreja, corpos dóceis de uma sociedade da “moral e bons costumes”, vem à tona com o desfile e sua repercussão. O corpo aprisionado não é um corpo que desfruta de sua sexualidade com liberdade, prazer e amor: é um corpo que percebe no ato sexual o temor e o pecado, tornando o sexo uma extensão desses valores forjados pelo medo e pela culpa. Neste sentido, o carnaval se torna um local possível para revelar para a sociedade o quanto os corpos que nela vivem estão aprisionados. Segundo Lima (2021), quando algo é encoberto num ato de censura, outra coisa é relevada: a forma como a sociedade trata aquela questão. Logo, o carnaval pode jogar na cara da sociedade seus próprios valores opressores, que ela exerce e ao mesmo tempo tenta esconder.

O mesmo processo é percebido na postagem do deputado da Daniel Silveira (imagem 03) ao tratar o corpo negro como bandido. A escola denuncia, pela imagem de Jesus negro, o quanto a sociedade é racista e martiriza estes corpos de negros, pobres e favelados. O apontamento da escola é claro: se Jesus voltasse hoje e fosse negro, ele seria crucificado novamente por um sistema social racista. A escola não aponta que o Jesus na alegoria, *O Calvário*, é um bandido. A associação é feita por quem entende aquele corpo expresso na escultura como um corpo de um bandido. Então, ao postar nas redes sociais afirmando que o Jesus na representação carnavalesca se trata de um bandido, apenas estar revelando como o corpo negro é percebido por este representante público. O racismo é expresso na fala de quem fez a postagem.

No caso do desfile de 2004 da Grande Rio, a escultura de Adão e Eva, que realiza o primeiro ato sexual da humanidade no carro abre-alas, foi coberta por um tecido dourado (imagem 06). Mas, o resultado desta censura tem a aparência de um casal que se cobriu com um tecido dourado na hora do ato; ou seja, tudo ainda continua visível na escultura, embora não haja órgãos genitais nelas (o que é muito comum no carnaval esculturas sem os genitais). Logo, a repercussão se deve à posição, que deixa revelar o ato sexual.



Imagem 06. Alegoria abre-alas *O Jardim das Delícias* do desfile da Grande Rio em 2004.

Captura de tela: Transmissão pela Rede Globo de Televisão aos 00:34:42.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ACgCl2_pYOo.

Observando a pesquisa de Lima (2021, p. 186) sobre o ocorrido, percebemos que “Segundo Paulo Silveira Martins Leão Júnior, presidente da entidade que fez a representação contra a alegoria, a questão é de natureza ‘ética, e não religiosa. Não somos contra nada que é insinuado. Mas nesse caso era algo muito explícito’”. Será que a vinheta da Globeleza em 1994 tinha uma nudez apenas insinuada mesmo ela aparecendo completamente nua (imagem 04)? O que seria tão explícito nesta imagem 06 para um desfile que aconteceu cerca de quatro horas da madrugada e do qual, se reprisado no turno da tarde, poderia ter a alegoria cortada na edição, para que as crianças não vissem?

O endereço eletrônico Observatório da Censura comentou o ocorrido e apontou a fala de Dom Eusébio Scheid, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, afirmando que “Não seríamos tão irresponsáveis ao ponto de mostrar para o mundo inteiro imagens que não pudessem ser vistas por qualquer pessoa, inclusive crianças”¹². Sua preocupação recai sobre a transmissão das imagens carnavalescas para o mundo inteiro, que chocariam crianças de todas as idades. O que fica de fato explícito é a demagogia social em relação àquilo que não se deve conversar: o sexo. O interessante é que a seminudez dos filmes, das novelas e das propagandas de televisão não chocam as crianças, para estes líderes religiosos; porém os desfiles das escolas de samba, um evento assistido por “todas as crianças do país”, assusta.

Esta censura do abre-alas não foi a única censura ocorrida no desfile, havia um tripé localizado antes da ala das baianas que remetia as passagens do Kama Sutra e a segunda

¹² Para mais informações: <http://observatoriodacensura.blogspot.com/2006/07/dom-eugnio-sales-e-censura-iii.html>.

alegoria do desfile, também sobre o mesmo tema, ambas foram censuradas com lonado preto e tecidos coloridos contendo uma faixa com a palavra “censurado”.

Houveram vários outros desfiles em que as imagens de corpos nus, seminus e esculturas de atos sexuais atravessaram a avenida, contudo todo este jogo de cobrir os corpos nus, de censurar esculturas em posições amorosas e da exploração da seminuez na festa teve um forte impacto no desfile aqui exemplificado resultando no afastamento do carnavalesco da agremiação.

O ponto importante debatido aqui é a possibilidade de perceber como as agremiações também se aproveitaram do uso destas imagens para compor seus enredos, atrair a atenção da mídia nas décadas de 1970 a 1990, e como a sociedade e as instituições religiosas reagiram a tudo isto. Como os conceitos e narrativas perante o carnaval criados pela sociedade e pela religião também afetaram nosso modo de ver a festa. A associação do carnaval como festa do pecado é a soma de diversos fatores e, é importante frisar, que todos possuem sua parcela neste processo, pois houveram interesses das diversas esferas sejam midiáticas, carnavalescas, sociais e religiosas. Este jogo de poder, de hierarquias, de interesses e a exploração da mídia televisiva e publicitária vão fortificar as narrativas perante a festa, como se gerassem uma verdade absoluta. Algumas dessas associações existem desde o medieval europeu, outras foram construídas no Brasil por meio da elite, da mídia, do machismo e do racismo.

REFERÊNCIAS

CANDEIA; ISNARD. **Escolas de samba: a árvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: Lidador/SESC, 1978.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FELERICO, Selma. Comprim-se corpos ultramedidos. Representações do corpo feminino na mídia impressa no carnaval brasileiro. In: VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DE MÍDIA, 4., 2008. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro, 2008. Disponível: <https://docplayer.com.br/33310269-Comprim-se-corpos-ultramedidos-representacoes-do-corpo-feminino-na-midia-impressa-no-carnaval-brasileiro-1.html>. Acesso em: 04 jul. 2022.

FERREIRA, Luiz Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FOLHA de São Paulo. **Grande Rio demite carnavalesco Joãosinho Trinta**. 25 fev. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u90623.shtml>. Acesso em: 04 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

LIMA, Fátima Costa de. **Alegoria benjaminiana e alegorias proibidas no sambódromo carioca: o Cristo Mendigo e a carnavalesca trindade**. 1.ed. São Paulo: Hucitec: A2, 2021.

MONTEIRO, Lucas. **Carnaval Capixaba**: histórias, honras e glórias. 1. ed. Serra, ES: Editora do Autor, 2010.

SILVA, Tiago Herculano da. As diversas faces de Jesus no desfile da Estação Primeira de Mangueira no carnaval 2020. *In*: III SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA: Lutas e (Re) Existências. v. 3, set. 2020. **Anais eletrônicos** [...]. São Borja – PA: UNIPAMPA, 2020. p. 869-890. ISSN: 2527-2411. Disponível em: <https://doity.com.br/iii-seminario-desfazendo-saberes-na-fronteira/blog/anais>. Acesso em: 04 jul. 2022.

TREVISAN, A. **O rosto de Cristo**: a formação do imaginário e da arte cristã. Porto Alegre: RS, Editora AGE, 2003.

VIEIRA, Leandro. *In*: **Conversa Franca** – Leandro Veira. [S. l.: s. n.], 19 fev. 2020. 1 VÍDEO (57min 57seg), son., color. Publicado pelo canal Rádio Arquibancada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWnh5-jJuck>. Acesso em: 04 jul. 2022.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Automotivador 1, 7

Autossugestão 1, 6, 8

C

Carnaval 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65

Ciberteologia 9, 13, 14, 19

Comunicação e Literatura 20

Cristologia 29, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 45

E

Eclesialidade 9

Encarnação 23, 24, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45

Escola de samba 46, 47, 48, 50, 53

F

Festa da carne 46, 47, 49, 54, 56

J

Jaculatória 1

Jesus 5, 7, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 53, 54, 55, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74

M

Mística 1, 2, 3, 6, 8, 70, 73

Mulheres 1, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 25, 28, 57, 58, 59, 60, 76

N

Narrativas 2, 20, 26, 29, 56, 61, 64, 68, 73

P

Pandemia 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18

Paradoxo 20, 21, 22, 23

Pecado 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 61, 62, 64, 73

Personagem 20, 21, 22, 28, 29, 30, 31, 51, 55, 57

Preexistência 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45

R

Renovação 9, 18

S

Sagrada Escritura 3, 12, 33, 34

Substituição simbólica 1, 6, 7

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 